

PManejo cultural

RENOVAÇÃO DO CAFEIEIRO CONILON POR MEIO DO MANEJO ADEQUADO DA PODA: CONSIDERAÇÕES FISIOLÓGICAS

Cláudio Pagotto Ronchi¹; Jéferson M. Costa²; Franciscey Comério²; Paulo Sérgio Volpi³;
Luiz Augusto Lopes Serrano⁴

¹Eng. Agr., D.S. Fisiologia Vegetal, Professor/UFV/Campus de Rio Paranaíba, Rod BR 354, km 310, Rio Paranaíba-MG, 38810-000, claudiopagotto@ufv.br; ²Técnico em Agropecuária, Bolsista Embrapa-Café; ³Administrador Rural, Pesquisador do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (INCAPER) – Marilândia – ES, ⁴Eng. Agr., D.Sc., Pesquisador do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (INCAPER), Rod. Br 101 norte, Km 151, Caixa Postal 62, 29900-970, Linhares – ES, lalserrano@incaper.es.gov.br.

INTRODUÇÃO

O estado do Espírito Santo é o maior produtor brasileiro de café conilon e responsável por situar o Brasil na condição de segundo maior produtor mundial dessa espécie. Essa posição de destaque deve-se, dentre inúmeros fatores, à adoção de um sistemático manejo de podas, que é indispensável à obtenção de altas produtividades e à longevidade do cafeeiro. Além da eliminação de ramos velhos e pouco produtivos, o que restabelece o equilíbrio entre a área foliar e a massa seca total da planta (BRAGANÇA, 2005; RONCHI; DAMATTA 2007), a poda serve para aumentar a vida útil do cafeeiro, melhorar o arejamento e a entrada de luz no interior da copa, facilitar os tratamentos culturais, recuperar plantas que não atendam aos padrões técnico-econômicos desejáveis, minimizar o efeito da alternância da produção, reduzir a altura das plantas, facilitando a colheita, e aumentar o rendimento da cultura (FERRÃO et al., 2004). Todavia, mesmo diante de tantas vantagens, parte dos cafeicultores capixabas resiste em adotar a poda em suas lavouras, ou, às vezes, quando a adotam, o fazem de forma inadequada.

Considerando-se (i) que o cafeeiro conilon é uma planta multicaule e de crescimento contínuo, (ii) que em função do espaçamento recomenda-se a manutenção de três a cinco hastes por planta (~12.000 hastes/ha); e (iii) que há intensa brotação de ramos ortotrópicos (ladrões) na base dos ramos podados, a poda deve ser realizada anualmente, após a colheita, para eliminar os ramos depauperados e garantir o número adequado de hastes produtivas por hectare. Além disso, a poda estimula a formação de brotações (novas hastes) que substituirão, no ano seguinte, os ramos velhos eliminados, assegurando, assim, a estabilidade da produtividade dos clones ao longo dos anos, ou seja, a poda garante a **renovação da lavoura**. E é neste momento crítico, de se *renovar* a lavoura (ou as hastes produtivas), que o agricultor não tem obtido êxito, seja pela não realização da poda no momento certo ou por fazê-la de forma e intensidade inadequadas, o que tem comprometido a produtividade e a longevidade da lavoura nos anos subsequentes.

Recomendou-se inicialmente que o cafeicultor mantivesse simultaneamente, hastes de diferentes idades na planta, ou seja, hastes novas, com um ano de idade (sem produção) e hastes com dois, três e, ou, quatro anos, em produção. Isso permitiria fazer uma ciclagem de ramos na planta, por meio da poda anual do ramo mais velho, de forma que a produção fosse contínua ao longo dos anos. O que se constata na prática, entretanto, é que esse tipo de poda não se aplica para renovação da lavoura, pois trás inúmeros problemas, dentre os quais, a desuniformidade da lavoura (prejudicando o manejo da mesma) e, principalmente, a formação de brotos de baixa qualidade, estiolados, devido ao fato de terem se formado em condições de pouca luminosidade, sob a copa do cafeeiro. A produtividade e longevidade de hastes como essas são sobretudo reduzidas. Nesse contexto, o ideal seria que a renovação da lavoura ocorresse de forma que os brotos fossem formados de uma única vez. Inclusive, existem técnicos que motivados pela obtenção de produtividades elevadas a curto prazo recomendam a chamada “safra-zero”, prática cujo nome é auto-explicativo, mas que pode ser traduzida como “recepta”. Seria mesmo necessário, principalmente para o pequeno produtor, sacrificar um ano de colheita apenas para se renovar a lavoura?

O objetivo deste trabalho foi evidenciar que é perfeitamente possível, por meio da utilização correta de poda, renovar a lavoura, ou seja, formar brotos uniformes, de excelente qualidade, e simultaneamente garantir produtividades satisfatórias.

MATERIAL E MÉTODOS

O experimento foi iniciado em maio de 2006, na Fazenda Experimental do Incaper, em Marilândia-ES, em lavoura (*C.canephora cv kouillou*), implantada no espaçamento de 2,5 x 1,0 m, que era conduzida na ocasião com 16.000 hastes produtivas por hectare (4 hastes planta⁻¹; terceira colheita) e várias brotações (estioladas) com um ano de idade, sendo cada linha composta por um único clone. A lavoura era irrigada. Utilizaram-se seis clones diferentes (tratamentos), sendo dois de maturação precoce (clones 03 e 67), dois de maturação intermediária (clones 16 e 120) e dois de maturação tardia (clones 19 e 76). O delineamento experimental utilizado foi em blocos casualizados, com quatro repetições. A parcela constituiu-se por uma fileira com dez plantas, sendo as oito centrais úteis.

Os clones precoces, intermediários e tardios foram colhidos em maio, julho e julho, respectivamente, e a poda foi realizada, em todos os clones, em julho. A poda consistiu da retirada do excesso de ramos ortotrópicos depauperados e velhos, de ramos plagiotrópicos que já haviam produzido em quase toda sua extensão e de todos os brotos (normais ou na sua maioria estiolados) com um ano de idade, de forma que após a poda a lavoura permaneceu com apenas 8.000 hastes produtivas por hectare (2 hastes planta⁻¹) e sem brotos. Foram realizadas três desbrotas, em outubro, dezembro e fevereiro. Na primeira desbrota, com o objetivo de promover a renovação da lavoura, foram deixados os três

brotos mais vigorosos por planta, bem distribuídos ao redor do caule, com aproximadamente 35 cm de comprimento e a uma altura de no máximo 30 cm do solo. Iniciando-se em outubro de 2006, até março de 2007, a altura e o diâmetro da base desses brotos foram mensurados mensalmente. Calculou-se, ainda, a razão diâmetro:altura. Em maio, junho e julho procederam-se à colheita dos clones precoces, intermediários e tardios, respectivamente, na área útil de cada parcela, estimando-se, em seguida, a produtividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Devido à eliminação do excesso de hastes produtivas velhas, deixando-se apenas 8.000 hastes/ha, permitiu-se melhor distribuição de luz no dossel das plantas, principalmente na parte inferior do cafeeiro. Dessa forma, sob condições de luminosidade ótimas, o que não se verifica na prática, na grande maioria das lavouras, no momento de sua renovação, os brotos ainda jovens cresceram com elevado vigor e apresentaram incrementos praticamente lineares na altura e no diâmetro do caule (Figura 1: A e B). Conseqüentemente, a relação entre o diâmetro da base do caule e a altura dos brotos permaneceu constante durante o período, com valores variando entre 0,010 a 0,015 (dependendo do clone) e com média (de seis clones) de 0,013 (Figura 1: C). Portanto, é imprescindível na renovação da lavoura, que sejam dadas condições para que os brotos apresentem relação diâmetro: altura próxima a 0,013. Considerando-se um mesmo clone, quanto maior essa relação, melhor a qualidade do broto. Além disso, brotos com razão diâmetro: altura inferior a 0,010 provavelmente serão brotos ruins, que cresceram sob condições de pouca luz e, portanto, serão estiolados (muito compridos e pouco espessos); os quais, na prática, o produtor não tem dificuldades em reconhecer.

Um aspecto importante e que garante plena condição de luminosidade à brotação, é que à medida que o crescimento dos frutos se intensifica nas hastes produtivas, principalmente no final da fase de crescimento rápido e início da granação, estas hastes vergam-se para a entrelinha, de forma que o sombreamento dos brotos é mínimo.

Finalmente, a alta ou equilibrada relação fonte:dreno (produção de fotoassimilados: consumo de fotoassimilados) obtida com apenas duas hastes produtivas/planta e com brotação vigorosa propiciou pleno enchimento dos grãos e, conseqüentemente, um nível significativo de produtividade (Figura 1: D). Além de garantir a produção de café enquanto se renova a lavoura, as hastes velhas, porém produtivas, funcionam como “pulmão” (CANNEL, 1985), mantendo o fluxo de fotoassimilados para o crescimento de novas raízes e brotos e para o enchimento dos frutos. É importante ressaltar que parte do sistema radicular morre após colheita intensa e poda severa (BRAGANÇA, 2005; RONCHI; DAMATTA, 2007).

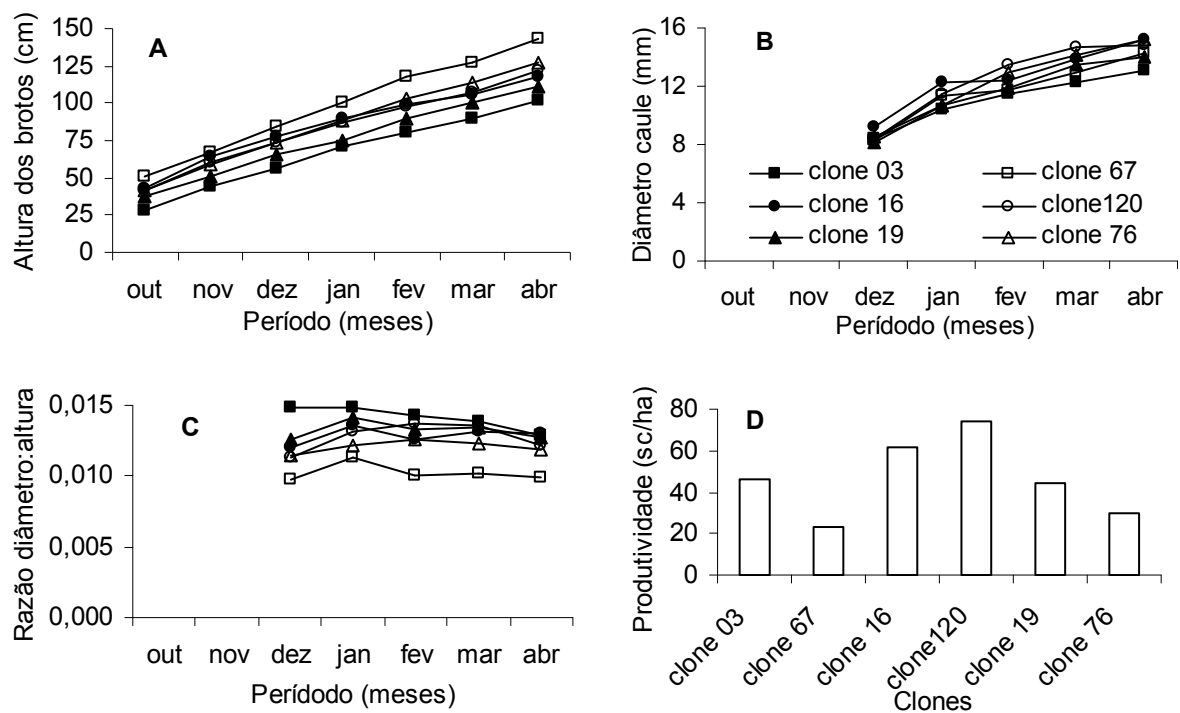


FIGURA 1- Altura de brotos (A), diâmetro do caule (B), relação diâmetro:altura (C) nos meses seguintes à poda de renovação, e produtividade (D) de seis clones de café conilon

CONCLUSÕES

Independentemente do clone ou variedade de café conilon, é possível, utilizando-se da poda em intensidade adequada, promover a renovação da lavoura, com formação de brotos vigorosos e longevos, sem comprometer a produtividade da mesma.

REFERÊNCIAS

- BRAGANÇA, S. M. **Crescimento e acúmulo de nutrientes pelo cafeeiro conilon (*Coffea canephora* Pierre)**. 2005. 99 f. Tese (Doutorado em Fitotecnia) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. 2005.
- CANNELL, M. G. R. Physiology of coffee crop. In: CLIFFORD, M.N.; WILLSON, K. C. (Eds.). **Coffee: Botany, Biochemistry and Production of Beans and Beverage**. London: Croom Helm, p. 108-134, 1985.
- FERRÃO, R. G.; FONSECA, A. F. A.; FERRÃO, M. A. G.; DE MUNER, L. H.; VERDIN FILHO, A. C.; VOLPI, P. S.; MARQUES, E. M. G.; ZUCATELI, F. **Técnicas de produção com variedades melhoradas**. Vitória, ES: Incaper. 60p. 2004. (Circular Técnica, 03-I).
- RONCHI, C. P.; DAMATTA, F. M. Aspectos fisiológicos do café conilon. In: BRAGANÇA et al. (Coords.). **O cultivo do café conilon**. Vitória-ES: Incaper. 2007. (No prelo).